

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na Sessão de encerramento da Cimeira Empresarial Brasil-União Européia

Lisboa-Portugal, 04 de julho de 2007

Senhor José Manuel Durão Barroso, presidente da Comissão Européia,
Senhor Peter Mandelson, comissário europeu do Comércio,
Senhora Benita Ferreira, da Comissão Européia das Relações Exteriores,

Meus companheiros brasileiros: Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; embaixador Marco Vieira de Sousa, embaixador do Brasil em Portugal; embaixadora Maria Celina de Azevedo Rodrigues, representante permanente do Brasil junto à Comunidade Européia,

Luciano Coutinho, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social,

Meu caro José Rocha de Matos, presidente da Associação Industrial Portuguesa,

Meu caro Armando Neto, presidente da Confederação Nacional das Indústrias,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu penso que as duas primeiras perguntas que foram colocadas à mesa, merecem a resposta inicial, para depois falar das coisas que viemos aqui falar.

Em primeiro lugar, o Brasil tem sido um centro de atração para investimentos estrangeiros. Eu acredito que isso está acontecendo neste momento porque os investidores estrangeiros estão compreendendo que, finalmente, mesmo sem fazer nenhuma privatização, o Brasil está oferecendo oportunidades de negócios para que empresários façam seus investimentos, possam produzir e obter o seu dinheiro em forma de lucro, de retorno. E vamos continuar fazendo com que a economia brasileira e o comportamento do governo sejam efetivamente o grande atrativo para investimentos no Brasil. Como eu acredito que não existe mágica em economia, e muito menos mágica

em investimentos, as pessoas vão atrás de oportunidades e, em função das possibilidades de ganhar alguma coisa, nós vamos continuar oferecendo as oportunidades.

A questão da simplificação fiscal e da introdução do Imposto sobre Valor Agregado, eu queria dizer aos empresários, tanto brasileiros, que já discutem isso há tanto tempo, quanto aos empresários europeus, que a reforma tributária é uma das coisas mais difíceis de ser feitas, não apenas no Brasil, mas em qualquer país do mundo. Nós fizemos uma primeira tentativa, em 2003, quando 27 governadores e eu fomos ao Congresso Nacional entregar uma proposta de reforma tributária. Depois, quando a reforma tributária chegou ao Congresso Nacional, não teve acordo, portanto, não foi votada. Mas nesse período de tempo, o governo já fez isenção de impostos equivalentes a quase 15 bilhões de dólares, sobretudo naqueles setores que nós queríamos tornar mais competitivos e ajudar os que tivessem qualquer prejuízo na sua relação com os consumidores, para que pudessem, eu diria, ter as oportunidades. Foi o caso da construção civil, por exemplo, em que nós fizemos a desoneração de mais de 30 produtos para facilitar que não apenas que os empresários da construção civil, mas também os compradores de material de construção pudessem ter acesso ao dinheiro mais barato. E isso tem resultado num benefício importante.

A impressão que eu tenho é que nós nunca tivemos a oportunidade que temos hoje para votar a reforma tributária. Ela está construída, numa discussão muito serena com o Congresso Nacional. Eu penso que, pela primeira vez, nós poderemos enfrentar dois problemas que pareciam cruciais para o Brasil, reformas que são fáceis teoricamente, mas que são difíceis na prática. Uma é a reforma política que se tenta fazer há muito tempo no Brasil e não se consegue, e a outra é a reforma tributária. Porque há um consenso, hoje, junto ao Congresso Nacional – se não um consenso, pelo menos uma grande maioria – de que nós temos que criar uma outra dinâmica na política tributária.

É importante lembrar que segunda-feira entrou em vigor no Brasil a Lei-Geral da Micro e Pequena Empresa, que é a primeira demonstração da possibilidade que nós temos de fazer mudanças na área trabalhista, sem precisar discutir a área trabalhista, e também facilitando a vida das pequenas empresas que sobrevivem na formalidade. Ela entrou em vigor na última

segunda-feira e acho que vai ser um sucesso extraordinário, porque nós devemos formalizar algumas milhares de empresas que hoje estão, eu diria, quase que na clandestinidade, porque não conseguem pagar a carga tributária. E, também, porque nós temos interesse, aprendendo com experiências bem-sucedidas nos outros países e tentando, sempre que possível, ir aperfeiçoando as regras no Brasil, para que a gente possa criar mais condições para mais investimentos, para mais parcerias e, conseqüentemente, para mais desenvolvimento.

Mas eu queria aproveitar essa oportunidade, eu não sei se o meu Ministro da Indústria e Comércio já falou aqui, não sei se a ministra Dilma já fez a apresentação do PAC, eu só não quero incorrer em redundância, dizer coisas que já foram ditas. De qualquer forma, na condição de primeiro-ministro, o Sócrates, e eu, na condição de presidente, temos até o direito de repetir que ninguém vai reclamar conosco.

Primeiro, quero dizer que é um prazer estar ao lado de dois velhos amigos: o nosso primeiro-ministro José Sócrates, e o nosso ex-primeiro-ministro, Durão Barroso, hoje representante da União Européia, para juntos encerramos esta Cimeira Empresarial Brasil-União Européia. Este evento ocorre em momento histórico. Hoje, lançamos uma parceria estratégica entre a União Européia e o Brasil, estamos revigorando uma relação com grandes potencialidades. Trata-se de uma iniciativa que vai muito além do comércio e dos investimentos, mas o seu êxito dependerá de um adensamento ainda maior de nossas relações econômicas. Por isso, é fundamental que vocês empresários sejam nossos sócios nessa empreitada, que nos ajudem a aprimorar uma relação que já é excelente, mas que ainda tem muito a produzir. Nossas trocas comerciais e fluxos de investimentos já caracterizam uma parceria privilegiada por sua amplitude e seu dinamismo. Nosso comércio com a União Européia atingiu o valor recorde de 51 bilhões de dólares, em 2006, um crescimento de 13%, em relação a 2005, e de 60% em relação a 2003.

O aumento não pára nessas cifras. Já nos cinco primeiros meses de 2007, o intercâmbio total elevou-se em 30% frente ao mesmo período do ano passado, alcançando cerca de 25 bilhões de dólares. E o potencial para o crescimento é enorme. O mercado brasileiro de bens de consumo e de capital vem aumentando de forma contínua e nossa economia reencontrou o caminho

do crescimento sustentável. Somos o principal destino dos investimentos europeus na América Latina. Também entre os BRICs o Brasil se destaca e a presença de capitais brasileiros na Europa, assim como no resto do mundo, está em franca expansão.

A competitividade do parque produtivo europeu e o dinamismo da economia brasileira deixam patente qual é o desafio desta primeira Cimeira empresarial: ajudar a realizar o pleno potencial desses dois sócios. Passamos a dispor de um fórum de alto nível, com a participação de lideranças de grande expressão em condições de conferir impulso ainda maior aos negócios e investimentos recíprocos.

Senhoras e senhores,

O Brasil vive hoje um momento inédito, caracterizado pela combinação de crescimento, inflação baixa e forte incremento do comércio exterior. Ao mesmo tempo, vemos a ampliação do mercado interno, aumento do emprego, expansão da renda, redução da pobreza e das desigualdades. Nossa vulnerabilidade externa caiu radicalmente, saldamos a totalidade de nossa dívida com o FMI e com o Clube de Paris, possuímos hoje mais de 146 bilhões de dólares de reservas, o risco-Brasil, hoje, está abaixo dos 150. O Brasil já embarcou em uma nova etapa de crescimento sustentável com a projeção do crescimento do PIB de 5% nos anos seguintes. O Programa de Aceleração do Crescimento, que lancei no início deste meu segundo mandato, oferece uma radiografia das oportunidades que se abrem para investidores. Estão previstas medidas para desonerar e incentivar a iniciativa privada, aumentar o investimento público e aperfeiçoar a nossa política fiscal. São privilegiados os investimentos em infra-estrutura e na área social. Para habitação, saneamento, transporte coletivo e eletricidade serão mais de 500 bilhões de reais, o equivalente a 250 bilhões de dólares entre 2007 e 2010. São obras que abrirão novas portas para os negócios no mercado brasileiro e que irão dinamizar as relações do Brasil com o mundo.

Amanhã, participarei, em Bruxelas, da inauguração da Conferência Internacional sobre os Biocombustíveis. Sei que não é preciso insistir com esta platéia sobre o potencial de geração de comércio e investimento dessas fontes renováveis de energia. Aqui eu queria cumprimentar a Petrobras e a Galp e dizer que o gesto de vocês, não sei se para produzir os 300 milhões de litros de

biodiesel, 150 para Portugal e 150 para o Brasil – seiscentos, já aumentou para 600? Eu espero que, no final da reunião, chegue a 900, e aí nós poderemos estar ganhando muito mais. Mas eu quero dar os parabéns, é um extraordinário sinal para o Brasil, certamente para a União Européia e para o mundo. Trata-se de uma nova fronteira agrícola e industrial que se abre, com oportunidades para negócios não somente no Brasil, mas em toda a América Latina, Caribe e África. O governo e os empresários brasileiros buscam parceiros para disseminar a experiência que temos acumulado ao longo dos últimos 30 anos. No Brasil, plantamos os combustíveis do futuro. Desenvolvemos um instrumento de proteção ambiental, de geração de empregos e de criação de oportunidades para as populações mais pobres.

Por isso, convido, também, todos os presentes a examinar com atenção o crescente dinamismo do Mercosul e da União Sul-Americana de Nações. Nossas iniciativas de integração inspiram-se na experiência européia. Estamos determinados a superar dificuldades e a construir consensos em torno de objetivos comuns. Os países da região partilham o mesmo empenho, em favor do desenvolvimento com justiça social. Nosso comércio e investimento intra-regionais estão crescendo aceleradamente.

No Mercosul, nossas discussões foram além das tarifas sobre bens. Passam a incluir o setor de serviços e o conceito das cadeias produtivas regionais. São numerosas e significativas as obras de integração física e energética em curso, que abrirão novos mercados no interior do continente e facilitarão os contatos com a Europa e outras regiões. Esse é outro campo de atuação que se oferece, cada vez mais, para empreendedores de visão.

Meus amigos e minhas amigas,

Num mundo cada vez mais globalizado, o pleno aproveitamento dessas muitas oportunidades passa, necessariamente, pelas reformas das relações econômicas e comerciais internacionais. Precisamos rever práticas superadas dos organismos financeiros multilaterais e reduzir barreiras protecionistas, sobretudo no comércio agrícola. É isso que estamos defendendo na OMC. Precisamos ter determinação e confiança para atingir resultados ambiciosos e equilibrados, que facilitem o comércio e distribuam melhor os investimentos.

A conclusão da Rodada de Doha demanda a compreensão e o apoio dos empresários e de outros setores interessados da sociedade civil, exige

compromissos de parte a parte e decisões políticas no mais alto nível. O Brasil tem demonstrado sua disposição de levar as negociações multilaterais a bom termo. Estamos preparados para ser flexíveis, desde que os resultados, sobretudo em agricultura, atendam os justos pleitos que partilhamos com nossos parceiros do Mercosul e do G-20, e outros países em desenvolvimento.

Não há substituto para um sistema multilateral de comércio forte baseado em regras estáveis e eqüitativas. O acordo de associação União Européia-Mercosul será um importante complemento à OMC, sua relevância transcende a mera abertura de mercados e tem um valor estratégico na construção de um mundo multipolar. Na economia como na política, a diversidade de parceiros, mais do que o isolamento, é o que assegura a independência. As negociações já estão avançadas e com o impulso político adequado poderiam ser concluídas rapidamente. Essa é a mensagem que eu trouxe hoje a Lisboa e que levarei amanhã para Bruxelas.

Senhores empresários,

O lançamento de uma parceria estratégica e a realização de uma primeira cimeira empresarial representa uma aposta numa relação com muita história, mas também de grande futuro. Precisamos ter a capacidade de identificar novas oportunidades e lançar projetos comuns com base nas nossas complementaridades econômicas e tecnológicas. E serão vocês, empresários, os principais atores dessa nova etapa das relações entre a União Européia e o Brasil. Esta bela cidade assistiu a invenção, pelos navegadores portugueses, de uma nova economia do mundo e da primeira fase da globalização. Estou certo de que nos servirá de inspiração nessa nova era que se abre.

Meu caro primeiro ministro, Sócrates,

Meu caro Durão Barroso,

Empresários brasileiros,

Empresários europeus,

Eu penso que seria importante desafiar vocês para que conhecessem os planos que temos de investimentos no Brasil, no Mercosul e na América do Sul. Nós estamos falando de energia, estamos falando de estradas, estamos falando de ferrovias, estamos falando de telecomunicações e estamos falando de desenvolvimento tecnológico, científico e industrial. E esse desafio que nós, latino-americanos e o Brasil, desejamos partilhar com vocês é um caminho que

nós precisamos e queremos abrir de oportunidades de novos investimentos mas, sobretudo, de oportunidades de novas parcerias com o mundo político europeu e o mundo empresarial europeu. Eu diria que não apenas o Brasil, mas no Mercosul e na América do Sul, os países estão vivendo um momento econômico que há muitas décadas não viviam. Todos os governantes estão aprendendo que a melhor forma de fazer o país crescer de forma sustentável, sair da fase do país subdesenvolvido ou de país em desenvolvimento para a fase do país desenvolvido, carece de investimentos não apenas na infraestrutura mas, sobretudo, investimentos na formação de profissionais totalmente qualificados, que é condição fundamental para que nós possamos dar o salto de qualidade.

Nós já perdemos muito tempo. Quem conhece o Brasil sabe que, no século XX, nós perdemos oportunidades, chegamos a crescer 14,3% ao ano, entretanto carecíamos de democracia, faltava liberdade sindical, liberdade intelectual, liberdade cultural, liberdade política. O que aconteceu depois desse crescimento extraordinário, que alguns chamaram de milagre brasileiro, é que os ricos tinham ficado mais ricos e os pobres tinham ficado mais pobres. Só que na década de 70 tinha apenas duas favelas, hoje tem aproximadamente 700 favelas, numa demonstração de que não basta a economia de um país crescer, se os governantes, responsáveis por esse crescimento, não tiverem concomitantemente a responsabilidade de partilhar, de forma mais equânime, o resultado das riquezas produzidas pelo país.

É isso que estamos fazendo e é por isso que eu digo que o Brasil vive hoje o melhor momento econômico da sua história Republicana em 118 anos. Não fizemos tudo ainda, estamos iniciando um processo, mas um processo seguro, um processo em que o presidente da República pode olhar na cara de um empresário europeu, americano, brasileiro, e dizer para ele que não tem mágica na política econômica, não tem aqueles anúncios à meia-noite, para pegar empresários de surpresa no dia seguinte ou empresário que vai dormir com o dólar valendo quatro e acorda, de manhã, com o dólar valendo dois.

No Brasil é importante dizer: o dólar vai continuar sendo flutuante. E digo para vocês o que digo no Brasil todos os dias: o problema do dólar flutuante é que ele flutua para mais ou para menos, e quando vai para menos, alguns ganham, quando vai para mais, outros ganham. As empresas que porventura

tenham problemas com o câmbio, o que nós temos que fazer é política de inovação tecnológica para que elas se tornem cada vez mais competitivas, sabedoras de que nesse mundo globalizado não tem espaço livre. Isso é que nem política. Em política, se você pensar que não vai concorrer em uma eleição para voltar dois anos depois, você sabe que 30 estarão ocupando o seu lugar. Nesse mundo globalizado e nesse mundo do comércio, se alguém perder a competitividade, sabe que dificilmente vai recuperar se não tiver um produto novo, de melhor qualidade e mais barato. E isso não significa ajuda governamental, significa investimento em inovação tecnológica para que possa dar o salto de qualidade.

Por último, eu queria dizer aos empresários aqui presentes, que muito se tem falado da Rodada de Doha, alguns tentam falar como se fosse um fracasso. Eu sou um homem esperançoso, aos 23 anos de idade já estava fazendo negociações com as indústrias automobilísticas de São Bernardo do Campo, em São Paulo, porque eu era dirigente sindical. Nem sempre os acordos são fáceis. Às vezes, um acordo que parece impossível num ano, acontece no ano seguinte. O dado concreto é que nós temos que trabalhar com a seguinte responsabilidade: quando a representante da União Européia sai para vender um carro, o ideal para ela é que o comprador do carro saia satisfeito, porque pagou um preço justo. Mas que ela também saia satisfeita, porque acha que recebeu o dinheiro justo pelo valor do seu carro. Se o comprador e o vendedor saírem com a imagem de que ganharam alguma coisa, o acordo é perfeito. Por isso é que as pessoas casam, porque os dois pensam que vão ganhar.

Agora, se a proposta de acordo econômico é uma proposta em que uns têm que fazer mais concessões que outros, sem levar em consideração o que significa o peso da indústria nos países desenvolvidos e nos países em desenvolvimento, sem levar em conta o que significa o peso da agricultura numa União Européia que deve empregar, no máximo, 2% de pessoas no campo, e num país africano, que emprega 70%, se não levarmos isso em conta, certamente teremos dificuldade em fazer acordo.

Mas tem duas coisas que me dão esperança. Primeiro, eu acredito que nós, seres humanos, por piores que sejamos, sempre trabalhamos para que o dia de amanhã seja melhor do que o de ontem. Segundo, nós sempre

trabalhamos com a hipótese de que o gesto que nós vamos fazer, fará a gente passar ou não para a história como alguém que foi útil ou alguém que foi inútil.

Eu sou cristão. Levanto todo dia de manhã crendo em Deus e que nós vamos conquistar melhores condições de vida. Nesse momento em que o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento, seja a União Européia, os Estados Unidos e o Japão, olham para o Brasil, a China, a Índia e o G-20, e sabem que as potências econômicas se equilibram com as potências humanas, porque representamos quase a metade da população mundial, somos países com potencial de crescimento extraordinário. E é mais extraordinário ainda que as nossas economias cresçam, porque tudo o que um europeu precisa querer é que nós sejamos bons consumidores. Quanto melhores consumidores nós formos, mais os europeus vão produzir e vão vender para nós, e mais nós seremos países em fase de desenvolvimento.

Se a gente acreditar nessas coisas e levar em conta que tem um componente político muito mais sério do que o componente econômico, que é a construção da harmonia e da paz nesse mundo conturbado que vivemos hoje, se nós não levarmos isso em conta, todos nós, ou pelo menos todos aqueles que têm a minha geração e que governaram o Brasil...

Eu disse ao presidente Bush, Durão Barroso, em Camp David, quando o visitei, e disse por telefone, há 15 dias, ao primeiro-ministro, meu amigo Tony Blair, que em determinados momentos históricos nós temos que escolher com que cara queremos passar para a história. E quando chega essa decisão, ela é eminentemente política, não tem mais nada de econômica e de comercial, ela é política. Eu dizia ao Tony Blair: você vai deixar o governo no mês de junho. Seria extraordinário que deixasse o governo com o acordo firmado. Disse ao presidente Bush: no ano que vem, você deixa a Presidência da República dos Estados Unidos, era importante que o acordo saísse antes. Dizia ao Chirac, em dezembro do ano passado, o Chirac já saiu, sem fazer o acordo.

Confesso a vocês que eu não quero sair – tenho mais três anos e meio de mandato – sem concluir um acordo na OMC, porque é a única chance que os países pobres do mundo vão ter. Se não fizermos o acordo, nós iremos amargar insatisfações que, depois, irão fazer com que nos arrependamos de não termos sido generosos com os países mais pobres.

Meus amigos, muito obrigado, e que Deus nos ajude a fazer o acordo.

